



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1174

**OCUPAÇÃO E CONFLITOS DE TERRAS:  
O OLHAR DOS VIAJANTES ARGENTINOS E BRASILEIROS SOBRE  
FRONTEIRA TRANSNACIONAL (1850-1930)**

Leandro de Araújo Crestani  
(Universidade de Évora)

**RESUMO:** O presente trabalho visa analisar as relações conflituosas que se forjaram no processo de ocupação da fronteira transnacional entre Argentina e Brasil a partir de relatos de viajantes argentinos e brasileiros no período correspondente entre 1850 e 1930. O objeto de estudo desta pesquisa é a fronteira transnacional entre a Província do Paraná (Brasil), a Oeste e a Província de Misiones (Argentina), a Nordeste. A análise aqui estabelecida se baseia numa perspectiva comparada e transnacional que busca compreender de que forma se deu a ocupação deste espaço e quais conflitos marcaram a posse da terra e a colonização nas fronteiras internas destas províncias. Há, nos relatos dos viajantes, uma acentuada preocupação em torno da apresentação do *tipo de sujeito* que habitava a fronteira. Busca-se, desta forma, reconstituir o processo de colonização da fronteira com base nas práticas sociais presentes nos relatos destes viajantes e perceber as relações de poder que o norteou, inventariando e tipificando os conflitos existentes no exercício da hegemonia de grupos locais e regionais. Estes relatos apontam semelhanças e diferenças na intervenção estatal, militar e policial de cada país e contribuem para apresentar a faixa de fronteira como um espaço de cenários contraditórios e de conflitos pela posse da terra entre ervateiros, colonos (imigrantes) e indígenas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conflitos de Terras; Ocupação; Viajantes argentinos e brasileiros; Fronteira Transnacional.

## **1. INTRODUÇÃO**

Entre os anos de 1850 a 1930, vários viajantes argentinos e brasileiros descreveram a realidade das fronteiras nacionais de seus países. A maioria dos relatos de viajantes se tornou livro para que, futuramente, as informações aí contidas dessem base para fomentar a imigração, especialmente nos territórios considerados isolados, selvagens e desérticos.

O objeto de estudo desta pesquisa é a fronteira transnacional entre a Província do Paraná (Brasil), a Oeste e a Província de Misiones (Argentina), a

Nordeste. A análise aqui estabelecida se baseia numa perspectiva comparada e transnacional que busca compreender de que forma se deu a ocupação deste espaço e quais conflitos marcaram a posse da terra e a colonização nas fronteiras internas destas províncias. Há, nos relatos dos viajantes, uma acentuada preocupação em torno da apresentação do *tipo de sujeito* que habitava a fronteira.

E em relação a este aspecto, tanto a Argentina quanto o Brasil possuem um vasto acervo de relatos de viajantes nacionais e estrangeiros. Nesta pesquisa, foram selecionados relatos de viajantes argentinos que percorreram o itinerário “Buenos Aires” à “Cataratas do Iguazú” e, no caso brasileiro, relatos de viajantes que realizaram o trajeto de “Curitiba” à “Cataratas do Iguazú”. Os relatos viajantes argentinos e brasileiros que constituem este objeto de pesquisa foram selecionados com vistas a perceber as relações intersubjetivas presentes no imaginário transnacional dos viajantes, obedecendo à ordem cronológica de suas respectivas viagens.

Uma das características presentes nos relatos dos viajantes argentinos e brasileiros é o anseio em explorar a região “vazia”, “desértica” ou “selvagem” das fronteiras de seu país. A comparação da fronteira entre Argentina e Brasil permite, por meio da análise comparada, perceber a diversidade de fontes sobre a região transnacional. Parte-se do princípio de que os relatos de viajantes trazem importantes informações sobre o “[...] processo de conquista e ocupação territorial dos sertões brasileiros, pois, ao narrar suas viagens, informavam a outros os caminhos, os perigos e as riquezas que poderiam ser exploradas ao se empreender a abertura de uma nova fronteira” (MYSKIW, 2011, p. 210).

As reflexões contidas nos relatos de viajantes abriram espaço para o surgimento de informações científicas e descritivas, pois além dos viajantes apontarem a natureza, descrevendo a fauna e a flora, também narravam suas histórias vividas. Esse tipo de narrativa é entendido neste estudo como suporte para compreensão de fatos que ficaram a margem da escrita oficial.

## **2. A DESCRIÇÃO DA OCUPAÇÃO E CONFLITOS PELOS VIAJANTES**

Os viajantes argentinos e brasileiros tinham o objetivo de conhecer e observar os caminhos das capitais até a fronteira de seus países. Nesse processo,

acumulavam informações vividas e sentidas sobre um determinado local visitado durante sua saga pela fronteira e descreviam, para o seu mundo (civilizado), um local geograficamente remoto, selvagem, desértico, perigoso e conflituoso, até então, ignorado por essa cultura.

Os viajantes argentinos tiveram como foco explorar a fronteira Nordeste, considerada um local selvagem, um espaço de barbárie. Esses viajantes saíram da capital da Argentina, Buenos Aires em direção a Misiones na perspectiva de estudar e relatar posteriormente todas as características anotadas em suas viagens.

O imigrante foi considerado como elemento civilizador da fronteira, responsável pelo progresso, elemento fundamental na ocupação e colonização das fronteiras Nordeste de Misiones e fronteira Oeste do Paraná. Os viajantes argentinos e brasileiros apontaram o seu sentimento sobre sua vinda para fronteira, descrevendo sua atuação e, até mesmo, transmitindo a ideia de sua importância para a fronteira.

Na ótica de Peyret (1881), para desenvolver a fronteira era necessário o incentivo do Estado Nacional no processo de colonização, pois até o período de sua viagem, a conquista do Território de Misiones, tinha acontecido somente por meio de iniciativa particular. O governo, até então, não tinha realizada nenhuma iniciativa para o desenvolvimento deste espaço fronteiriço e a solução era vinda de imigrantes europeus para civilizar a fronteira entre Argentina e Brasil.

Misiones foi descrita por Lista (1883) como local ideal para o desenvolvimento da colonização, tanto em relação à agricultura quanto em relação à indústria, sendo tratada como um espaço de riquezas e de disponibilidade de terras. “El agricultor encontrará allí un suelo incomparable, rico em substâncias orgânicas y baso contínuo riego. El industrial puede labrar su fortuna en pocos años, ya sea fabricando azúcar, alcohol ó aceites vegetales” (LISTA, 1883. p. 105).

Um dos erros cometido no processo de colonização, segundo Burmeister (1899), foi a vinda dos imigrantes, que tinham dificuldade de cultivar grandes extensões de terras. Era comum entre estes imigrantes o pensamento de que poderiam cultivar vastas extensões territoriais e vender colheitas imediatamente.

Isso, porém, não foi possível devido à falta de demanda, uma vez que existia um alto custo do frete para o transporte até os centros de consumo e a maioria dos colonos acabava por abandonar suas terras e a agricultura. “Por estas razones, es

inconveniente llevar á Misiones otros pobladores que no séan aquellos que, por razón de sus costumbres ó de la manera precária en que viven ó vivieron en su pátria ó en otras tierras, pretendan outra cosa que vivir holgadamente á fuerza de trabajo, sin soñar em hacer fortunas rápidas” (BURMEISTER, 1889, p.33).

O imigrante encontraria na selva da fronteira do país diversas dificultades, principalmente no que se refere ao transporte de seus produtos para outros locais visando à comercialização. Entretanto, conforme, Burmeister (1899), as terras eram consideradas valiosas e a partir do momento que ocorresse a colonização, o território passaria a agregar valor, tornando-se uma grande oportunidade para os futuros imigrantes.

Para Queirel (1897), a vinda dos imigrantes foi um fator determinante para o desenvolvimento da própria população e colonização do território. Ao proporcionar o acesso a abundância de terras disponíveis na fronteira, o processo de colonização formaria a civilização na região selvagem de Misiones:

Entonces, con todos estos factores reunidos, fácil es darse cuenta de cómo en poco tiempo sobre la enorme suma de 90 leguas de costa argentina, que incultas existen sobre el rio Alto Paraná, y las otras tantas más ó menos que se hallan en las mismas condiciones sobre el rio Alto Uruguay, podrían levantar-se una série de pueblos con vida propia, que transformarían en civilizada aquella región salvaje, atrayendo y absorbiendo la población semi sedentaria que se halla viviendo enfrente al territorio argentino, en el porteneciente á las repúblicas del Paraguay y Brasil (QUEIREL, 1897, p. 311).

A colonização de Misiones permitiria, sob essa perspectiva, a exportação dos valiosos produtos naturais da selva missioneira, a erva-mate e a madeira. Com a Lei de imigração e Colonização de 1876, a formação populacional aconteceria por meio de colônia. Segundo Queirel (1897), este foi o primeiro passo para a colonização efetiva de Misiones, “[...] llevado á cabo por el Gobierno Nacional después de la federalización, fué la creación de dos Colonias de 100 kilómetros cuadrados cada una [...]” (QUEIREL, 1897, p. 367).

Pode-se perceber que os relatos de Bernádez (1901), sugerem uma forma de mapear as riquezas disponíveis para os futuros colonos que migrariam para região fronteiriça. O propósito era o de descrever a configuração do local para mostrar a possibilidade de ocupação através da agricultura.

Las aguas que penetran la tierra, filtradas por la piedra desmenuzable, corren sobre el basalto siguiendo los declives y vuelven á la luz del día

manando al pie de las lomas y las quebradas, formando fuentes inagotables, arroyos del más vario caudal y más caprichoso y deslucado curso, cruzando y entrecruzando con tan nutrida red el territorio que sería raro encontrar en él un lote de tierra de veinticinco hectáreas no se halle provisto de agua excelente, amén de maderas em abundancia para construir la casa, los cercados, los utensilios de todo género, y de tierra vegetal, incansablemente fecunda: los tres elementos esenciales para la radicación de um hogar agrícola (BERNÁRDEZ, 1901, p.19).

Observa-se aqui, a possibilidade de lucrar com as riquezas destes bosques, que eram considerados terras livres, sem uma legislação específica que as regesse. Logo, o primeiro que tomasse posse, poderia extrair as riquezas desse local.

O relato a seguir, demonstra que as terras dos bosques eram propícias para agricultura e se tornavam uma forma de incentivar a migração para selva. Porém, o colono realizava a limpeza da terra era através do fogo.

El fuego se encarga de limpiar el suelo, abonarlo con las cenizas y purificar el ambiente eliminando las plantas podridas de la maleza. Se siembra maiz entre los troncos, sin necesidad de otra herramienta que un machete que se clava em el suelo, se levanta con el terrón, se tira la semilla y se tapa com el pie. Fácil y rápido (BERNÁRDEZ, 1901, p. 22).

A melhor forma de limpar a terra de sua “Malezas”, era o fogo, que se tornou uma maneira rápida de retirar os matos, árvores e, até mesmo, os seus habitantes, como animais e índios. Assim, o processo de apropriação deste território entendia a região como: “una tierra riquísima com el agregado de una gran parte de la selva que se alzaba en ella, y que á su seno ha vuelto por la acción del fuego y la descomposición de las raíces y tallos destruídos”(BERNÁRDEZ, 1901, p. 23).

Segundo Basalduá (1901), o governo argentino deveria, além de incentivar missões para estudos científicos das riquezas da fronteira, compreender a necessidade de povoá-la com colonos, de preferência europeu, que seriam os responsáveis por tirar da fronteira a condição de espaço desértico, desenvolvendo aí um espaço civilizado para o Estado nacional moderno argentino.

A fronteira seria o empório da civilização na perspectiva de Basalduá (1901), pois havia a necessidade de reservar as terras públicas da fronteira, para a população civilizada da europa, subdividindo em pequenas propriedades e que criassem leis exclusivas para esses futuros colonos. “Al terminar nuestro viaje de estudio por el territorio de Misiones, regressamos convencidos que no hay país en la tierra ni más sano, ni más rico, ni cuyo porvenir ofrezca tan risueñas perspectivas labrarse uma posición desahogada” (BASALDÚA, 1901. p. 191).

A vinda do imigrante segundo Basalduá (1901) era fundamental, já que a outra população (uma população melhor) traria a liberdade e o desenvolvimento da indústria. O europeu simbolizava o ato de civilizar os espaços selvagens pelo seu espírito de trabalhador. *“La inferioridad intelectual de esta gente, y su poca energia, no les permite obtener todas las ventajas que les brinda la tierra. Así es que la pobreza con sus proyecciones sobre la salud y la cultura, agravan todavía la situación”* (BASALDÚA, 1901. p. 204 *Grifos do autor*).

Segundo Manzi (1920), a fronteira Nordeste da Argentina era um local apto para o desenvolvimento da agricultura e o governo deveria incentivar a imigração para esse espaço, pois se tratava de uma terra fértil e com água abundante. A colonização deste local ajudaria na consolidação da presença argentina nesta fronteira com o Brasil.

Em relação aos ideias e visões que sustentava os motivos para ocupação das terras da fronteira pelo lado brasileiro, tem especial destaque a visão de Nestor Borba (1920), para quem a vinda do imigrante era conveniente para o desenvolvimento da Província do Paraná. Esses benefícios seriam positivos tanto para melhorar a “raça”, quanto a “economia”, a “moral” e a “intelectual” deste território. As razões principais para a introdução de imigrantes era as seguintes:

1ª, a porção de indígenas, com quanto possa aumentar a população existente, de certo não suficiente para cultivar e habitar tão extenso território; 2ª, porque a imigração é muito conveniente sob vários pontos de vista, já para aumentar e cruzar a raça e melhorá-la no sentido de desenvolver o vigor físico e a capacidade moral e intelectual, já porque os imigrantes trazem o ensino das indústrias e cultura de países antigamente civilizados. Nós bradamos pelo que é justo relativamente aos indígenas, deixados ao abandono, quando podem ser utilizados em bem do país e da humanidade (BORBA, 1876, p.16).

Figueiredo (1937) relatou que no trajeto de sua viagem até a fronteira Oeste do Paraná era possível encontrar o desenvolvimento de colônias alemãs. Esse viajante apontou ainda o sempre citado “Taunay”, concordando com o mesmo sobre a sua ideia de colonização deste sertão: “Os nossos sertões e desertos só podem, só devem ser povoados – e o hão de ser – por imigração europeia, que mui espontaneamente e por si caminha da periferia para centro, refluindo do litoral e suas imediações para a zona do interior” (FIGUEIREDO, 1937. p. 83-84).

Segundo Figueiredo (1937), o Oeste paranaense apresentava dois pontos de atração de comércio: “Guarapuava”, um centro regulador das transações com o

litoral e “Foz do Iguassú” que fazia intercâmbio com o rio Paraná: “por Guarapuava se exporta o mate, o pinho, o gado, o porco e alguns cereais; por Foz do Iguassú, somente mate e madeiras. Foz do Iguassú consome grande quantidade de produtos argentinos e paraguaios, que entram no Brasil, em sua grande maioria, pela porta larga do contrabando” (FIGUEIREDO, 1937, p. 85).

Para o imigrante europeu vindo para a fronteira Oeste do Brasil, Figueiredo (1937), apresentou a informação de que os sermões na igreja eram pregados em três línguas: “guaraní, o castelhano e o português, havendo predicas em alemão e polonês” (FIGUEIREDO, 1937, p. 88). Nota-se assim, que no quesito da religião, o idioma seria o mesmo da Europa.

Para Coelho Junior (1946), o avanço dos imigrantes em marcha para Oeste, se configurou como a construção da brasilidade nos sertões do Oeste:

É essa a gurada avançada da marcha para o Oeste, enfrentando impavidamente os mais êrmos isolamentos e tôdas as feras; traçando com o seu suor e o seu sangue, os roteiros na selva encipoada e hostil, por onde mais tarde, amansada a agressividade da mata virgem; aniquiladas e afugentadas as feras; cultivadas as terras com as suas agriculturas ricas e cereais, especiarias dos trópicos e gados; pontilhadas as florestas de largas e luminosas pastagens – comodamente penetrará a ambição das imigrações estrangeiras, despida da galhardia de suas aventuras e de seus heroísmos!

É o seu destino maior de pioneiros! Vão assegurando à nacionalidade, pelo desbravamento, pela cultura da terra, pelo povoamento, pelos usos e costumes, pela língua, pelas características inconfundíveis de brasilidade, o Sertão (COELHO JUNIOR, 1946, p. 63).

O incentivo apresentando nos relatos dos viajantes argentinos e brasileiros visava a migração para essa região, demonstrando a necessidade de colonizar as fronteiras do país. A fronteira, portanto, era vista pelos viajantes de ambos as nacionalidades como uma área agrícola disponível e a solução seria colonizar as periferias do país (fronteiras com demais países), espaço sobre o qual o estado não tinha controle.

Nessa perspectiva, o conflito pela posse da terra se configurou como um fator recorrente na consolidação da fronteira dos Estados Nacionais argentino e brasileiro. Estes conflitos compunham a consagração da fronteira transnacional e estiveram presentes na consolidação da fronteira externa e na fronteira interna, existindo simultaneamente nesta territorialidade. O conflito é, assim, o elemento gestor e consolidador do espaço fronteiriço.

No relato de Peyret (1881) são apontadas relações conflituosas com o *inimigo de ordem social (índigenas)*, que se faziam presentes nesta territorialidade. Por essa razão, fez-se necessário desenvolver uma ação coletiva para fazer a *grande limpeza*, que por sua vez facilitaria o processo da imigração e colonização do Misiones.

Sin embargo, para hacer justicia á todo el mundo, debo decir que el Mayor Gómez, de Santo Tomé, ha emprendido una persecución tenaz contra esos enemigos del orden social, y llevado á cabo una gran limpieza, por cuyo motivo creo que debe recomendársele á la consideración pública como un benefactor de la sociedad. Restablecidos el orden y la seguridad en esos parajes, creo que convendría restablecer también la diligencia, para facilitar y activar las relaciones comerciales, pero necesitaría, al menos durante algún tiempo, una subvención del Estado. La acción de la fuerza colectiva debe hacerse sentir, vuelvo á repetirlo una vez mas, cuando son insuficientes las fuerzas individuales. La diligencia devolvería la animación á ese desierto, mientras viniese un ferrocarril á facilitar la inmigración y la colonización de las antiguas Misiones destruidas. Tócale, pues, al Estado, representado por la nación ó por la provincia, hacer algo en este sentido (PEYRET, 1881, p. 71).

Borba (1908) enfatizou que entre os anos de 1856 ou 1857, durante sua estada no “valle do Piquiry”, seu comboio foi atacado por índios do cacique Viry, “que lhes matou muitos guerreiros, aprisionou alguns e queimou-lhes os ranchos” (BORBA, 1908, p.6). Apesar do ataque dos índios, um grande número de índios procurou fazer amizade com eles.

Segundo Borba (1908), durante as madrugadas os homens brancos assaltavam o “toldo” matando os índios que ali estavam e aprisionavam as mulheres e crianças. Nesses confrontos, alguns índios conseguiam escapar do espaço de conflito entre o homem branco e índios. Em outros casos, o relato da conta de mostrar os embates, como nesta passagem em que o viajante se reporta a atitude “traíçoeira” dos índios: “os Kaingangues, mostram-se sempre inimigos dos brancos, assaltando-os traíçoeiramente e trucidando-os em suas vivendas, rocas e pelas estradas” (BORBA, 1908, p.129).

Na perspectiva de Nascimento (1886), a ocupação dos indígenas em terras devolutas ocorria pela a necessidade de que os mesmos tinham pela posse da terra para desenvolver a agricultura, ou seja, o cultivo permanente. Porém, por serem nômades, encontram-se na dura necessidade de “invadirem” as terras devolutas do Estado Nacional, “e assim os vão estragando, sem formarem domicilio certo: isto com grande detrimento do Estado” (NASCIMENTO, 1886, p. 280).

Para Nascimento (1903) os botocudos eram responsáveis por grande parte das atrocidades cometidas na fronteira desde as primeiras épocas de colonização. Forjava-se aí um ponto de vários combates “nessa horrendas selvas”: “o botocudo, ignorante e cioso, atacava traiçoeiramente os tropeiros que ousavam penetrar em seus domínios – sabe Deus também com quanta perversidade! Dahi, o ataque persistente e a defesa demolidora; dahi, a guerra eterna” (NASCIMENTO, 1903, p. 17).

A disputa entre botocudos e tropeiros pode ser entendida historicamente como o conflito entre o civilizado e selvagem, “[...] hoje o civilizado evita a lucta, por que julga infructifera a batalha” (NASCIMENTO, 1903, p. 17). De acordo com Nascimento (1903) os botocudos não aceitavam que os colonizadores penetrassem nesse sertão, “não houve quem penetrasse os sertões levando-lhe a cruz redentora da paz e da fraternidade”(NASCIMENTO, 1903, p. 17). Desse modo, os núcleos coloniais nessa região de fronteira tinham a preocupação com a presença dos botocudos em suas colônias. O colono detestava os bugres e os bugres detestavam o homem branco.

Não há indivíduo caçador ou lavrador, ao penetrar a orla da matta que circumda a vivenda, que não vá competentemente armado. Até admira que esses selvagens que todos os dias aparecem aqui e ali nos arredores dos povoados da margem esquerda do Iguassú, não tenham ainda descido em massa das cercanias do Tayó e cahido com peso dos seus imensos tacapes sobre as populações ribeirinhas, tudo varrendo ao silvo apavorante das suas flechas hervadas. Porque, segundo informações que reputo fidedignas e colhidas em diferentes origens, o Tayó é uma grande povoação, toda entrincheirada, com grandes lavouras em derredor e com uma população de mais de 5.000 índios (NASCIMENTO, 1903, p. 17-18).

Os colonos também sofreram um processo de usurpação – em proporções bem menores que os índios – e é importante ressaltar que estes colonos foram eram escravizados por longos anos pelos ervateiros. Na perspectiva de Nascimento (1903), para que isso não acontecesse na região de fronteira, seria necessário ter o controle desse local, com leis e policiamento do governo brasileiro. Em suas palavras:

Depois de escravizados por longos annos – estrada fora!  
Ora isto só num paiz como o nosso!  
Haja leis reciprocas que garantam os proprietários do engodo de empregados indignos e vadios, mas que também garantam aos homens honestos da ganancia e da deshumanidade dos senhores feudais.

A fiscalização e o policiamento, concorrentes da justiça e do respeito mútuos, são medidas de alta necessidade por essas paragens; do contrário, dentro de poucos anos toda essa zona voltará ao que primitivamente era: esconderijo de selvagens, furnas de feras (NASCIMENTO, 1903, p. 97).

Os donos dos ervais tinham o poder de atuar da forma que quisessem, já que o governo brasileiro não atuava nessa região, deixando os colonos e a terra a mercê dos ervateiros, enquanto senhores do poder na região de fronteira.

Para Coelho Júnior (1946), ocorreu um processo de escravização do homem branco na fronteira Oeste do Paraná, o qual sofre uma descontinuidade com a chegada das forças revolucionárias do General Izidoro Dias Lopes, que teriam cessado a infame *escravatura branca* mantida pelas companhias argentinas.

As Companhias de erva-mate exploravam os trabalhadores da fronteira, durante o processo da retirada das riquezas, “implantavam e impunham naquela imensa, rica e maravilhosa região – língua, costumes, moeda e toponímia estrangeiras!” (COELHO JUNIOR, 1946, p.80). Coelho Junior (1946), apontou em seu relato de que forma ocorria a exploração dos Mensús:

Em Posadas, os agentes descreviam à ingenuidade dos crédulos “mensús” – assim são chamados os operários empregados na extração da erva-mate – paraísos e el-dorados onde lhes esperavam as devastadoras decepções de castigos e misérias, as mais desumanamente concebidas. [...] Assim que o improvisado nababo e deslumbrado “mensú”, vilão paraguaio ou argentino, “recheava” a carteira – a armadilha já o estava espereando na pessoal de um “farol” que o arrastava para casas de jôgo e de prostituição, das quais, irremediavelmente, só saía depois “aliviado” do último “pêso” (COELHO JUNIOR, 1946, p.81).

O motivo da exploração dos mensús, segundo Coelho Júnior (1946), residia no fato de que até o ano de 1911 o Oeste era abandonado e desconhecido pelos brasileiros e pelo o governo. Assim, a população que habitava os sertões sofria longas explorações pelas companhias ervateiras. Essa distância entre a capital e fronteira levou Coelho Júnior a criticar a “estrada que liga, em duas centenas de quilômetros o porto da zona onde extraem a erva-mate, é a única da vasta região – ficando os “mensús” presos, impossibilitados de fugir aos maus tratos que os esperam... É a cadeia do deserto!” (COELHO JUNIOR, 1946, p. 84).

Cabanas (1926), em seu relato, enfatizou de que maneira os trabalhadores das obragens eram explorados como escravos. No período de sua passagem pela fronteira Oeste do Brasil, em 13 de maio de 1888, a escravidão já teria sido extinta através da Lei Áurea, mas os trabalhadores dos ervais eram explorados como os

escravos negros pela figura do “Capataz”. Este sujeito assumia a figura de autoridade, “*sui generis*” concentrando as atribuições que iam desde “*soldado de polícia*” até “*Supremo Tribunal Federal*”.

Segundo Cabanas (1926), os capatazes possuíam um *cérebro estúpido*, infligindo castigos aos trabalhadores que iam de ponta-pé até o fuzilamento naqueles que não cumpriam as suas ordens. Em certos casos, também assumiam a função de autoridade religiosa, impondo suas crenças sobre esses escravos. A exploração sempre ocorria sobre os paraguaios ou brasileiros, promovida por capatazes argentinos, vindos de Corrientes. O processo de exploração do capataz sobre os trabalhadores, segundo Cabanas (1926), ocorria da seguinte maneira:

O systema de escravatura nos referidos hervaes toca ao auge quando o escravo tem família; pois as primícias da virgindade de suas filhas são o furto opimo que premeia a actividade do capataz e mesmo a esposa ou companheira, não é jamais respeitada, tendo o desafortunado trabalhador de aceitar tudo isto sorrindo ao seu algoz, como agradecido pela preferencia que deu á família, distinguindo-a com a deshonra. (CABANAS, 1926. p. 246).

Nota-se assim, que a fronteira foi descrita como local onde prevalecia o esquecimento da lei. Os trabalhadores (mensú) explorados nas obragens tentavam fugir, mais nem sempre o plano de fuga acontecia perfeitamente e muitos morriam na tentativa de alcançar a liberdade. As palavras de Coelho Júnior dão a tônica desta situação na fronteira transnacional: “não poucos são os esqueletos encontrados pelas cercanias. E os “cachorros” – polícia da Empresa – de rifle em punho, estão sempre alertas, adivinhando até os planos fugitivos!” (COELHO JUNIOR, 1946, p.85).

Observa-se assim, um ocultamento dos conflitos pela posse da terra entreo homem branco e os indígenas que habitavam a fronteira entre Argentina e Brasil. A comparação dos relatos de viajantes torna possível apresentar vestígios da existência desses conflitos e, principalmente, da presença destes povos na fronteira, pois nos relatos oficiais de ambos os países, esses sujeitos foram apagados da história oficial da fronteira.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nos relatos dos viajantes argentinos e brasileiros podemos perceber que há uma meta de viagem: descobrir, explorar, fazer o inventário do território, descrever possíveis locais para a fundação de colônias e, o mais essencial, trazer as informações das riquezas disponíveis e a possibilidade de exploração para o governo. Outro fator importante em relação a fronteira residiu na existência de dica para os governantes do países e, principalmente, para os da província, que “governar era povoar.” Observa-se com isso, que a importância do relato da viagem era contribuir para a ocupação e colonização das terras fronteiriças.

Outro ponto relevante reside no fato de que os viajantes argentinos e brasileiros, ao descreverem as características físicas dos indígenas que habitavam a fronteira, forjavam a uma tentativa de apresentar as características físicas destes sujeitos como marca de sua inferioridade. Descrevendo-os como inimigos presentes neste território, justificavam a necessidade de rechaçá-los da fronteira transnacional, uma vez que, posteriormente, poderiam entrar em confronto. A necessidade de conhecer as características físicas dos sujeitos sociais presentes no trajeto da viagem, pode ser entendida como uma forma de apontar qual tipo de *mecanismo* deveria ser utilizado para a ocupação da fronteira.

Mesmo com a presença de povos indígenas na região, os viajantes argentinos e brasileiros, em seus relatos, estimulavam a “retomada” ou “conquista” da fronteira. O incentivo da imigração foi uma forma de tentar “civilizar” um espaço que era considerado deserto e selvagem e mesmo diante da existência de comunidades indígenas, fazia-se necessário a ocupação e colonização pelo homem branco, civilizado, para garantir a posse da fronteira.

#### 4. REFERÊNCIAS

BASALDÚA, Florencio de. **Pasado – Presente – Porvenir del Territorio Nacional de Misiones**. La Plata: s/d, 1901.

BERNÁRDEZ, Manuel. **De Buenos Aires al Iguazú** – Crónicas de un viaje periodístico á corrientes y misiones – con numerosos grabados, un panorama y un plano de las grandes cataratas. Buenos Aires: Imprenta de “La Nación”, Segunda edición, 1901.

BORBA, Nestor. “Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas” (1876). In: **Monumenta – Relatos de viagem a Guaíra e Foz do Iguaçu** (1870-1920). Curitiba: Aos Quatro ventos, 1999

BORBA, Telemaco. **Actualidade Indigena**. Curitiba: Typ. e Lytog. a vapor Impressora Paranaense, 1908.

BURMEISTER, Carlos. **Memoria sobre el Territorio de Misiones**. Ministerio de Agricultura de la República Argentina. Buenos Aires: Imprenta Litog. Y Encuadernación de J. Pruser, 1899.

CABANAS, João. **A columna da morte**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Almeida & Torres, 1926. p. 245.

COELHO JUNIOR, Carlos Alberto Teixeira. **Pelas Selvas e Rios do Paraná**. Curitiba: Editora Guaíra Limitada, 1946.

FIGUEIREDO, José Lima. **Oéste Paranaense**. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife: Campanhia Editora Nacional, 1937.

LISTA, Ramón. **El Territorio de las Misiones**. Buenos Aires: Imprenta La Universidad de J.N. Klingelfuss, 1883.

MYSKIW, Antonio Marcos. **A fronteira como destino de viagem**: a colônia militar de Foz do Iguaçu (1888-1907). Guarapuava: Editora Unicentro, 2011.

\_\_\_\_\_. Relatos de Viajantes. In: MOTTA, Márcia; GUIMARÃES, Elione. **Propriedades e disputas**: fontes para a história do oitocentos. Guarapuava: UNICENTRO, 2011; Niterói: EDUFF, 2011.

NASCIMENTO, Domingos. **Pela Fronteira**. Curitiba: s/ed, 1903.

NASCIMENTO, José Francisco Thomaz do. Viagem feita por José Francisco Thomaz do Nascimento pelos desconhecidos sertões de Guarapuava, Provincia do Paraná, e relações que teve com os índios coroados mais bravios daquelles lugares. **Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnografico do Brazi**, tomo XLIX, 267-281. Rio de Janeiro Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C. 1886.

PEYRET, Alejo. **Cartas sobre Misiones**. Buenos: Imprenta de La Tribuna Nacional, 1881.

QUEIREL, Juan. **Misiones**. Buenos Aires: Taller Tipográfico de la Penitenciaría Nacional, 1897.